

## **Dialogando com Klein: a vida, a fecundidade da obra e seu legado<sup>1</sup>**

**Lídia Queiroz Silva Magnino<sup>2</sup>, Uberaba Marta Úrsula Lambrecht<sup>3</sup>, Jundiaí.**

Resumo: Melaine Klein (1882/1960), uma corajosa clínica, de uma forma singular e criativa, amplia o pensamento de Freud, sem ignorá-lo. Trabalhando com crianças pequenas para compreender as fontes de inibição, descobre que elas são capazes de fazer transferência. Cria a técnica de análise do brincar, como via princeps para acessar o inconsciente da criança, amplia o conceito de transferência, inova a clínica da infância, da psicose, do autismo. Alarga o campo da psicanálise, quando oferece um novo modelo para pensar os grupos, os vínculos sociais. Ao formular uma dinâmica psíquica relacional, habitada pela pulsão de morte que pode se transformar em criatividade, acentua o papel da fantasia inconsciente, da função materna, do mundo interno, do Édipo e superego precoce. Seus conceitos de posições, identificação projetiva trazem uma abertura em sua obra, possibilitando que outros psicanalistas continuem desenvolvendo o pensamento psicanalítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Melanie Klein, Fantasia inconsciente, Posições, Identificação projetiva- simbolismo.

- 
- 1 Este artigo surge do módulo sobre Klein, do curso Diálogos Psicanalíticos – A evolução do pensamento e da escuta psicanalítica, promovido pela Diretoria Regional da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, ministrado em maio de 2021.
- 2 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Mestra em Psicologia Clínica- PUC/SP. Docente do curso de Graduação em Medicina e Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade de Uberaba. Rua Carlos Rodrigues da Cunha, 166, Centro, CEP: 38010-170 – Uberaba-MG, Telefone: (34) 99978-0795
- 3 Membro efetivo, docente, analista didata de crianças e adolescentes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Avenida Nove de Julho, 1717- sl. 12, Chácara urbana, CEP: 13208-056 – Jundiaí-SP, Telefone: (11) 4521-4361

## Melanie Klein

Abordaremos a trajetória de uma mulher que estremeceu e revolucionou o pensamento psicanalítico de todos os tempos. Com perseverança e paixão, desbravou os meandros mais recônditos da mente humana.

Melanie Klein é um ícone da psicanálise de crianças. Valeu-se da técnica do brincar como meio de expressão das fantasias inconscientes.

Como início de conversa, poderíamos nos perguntar: Em que circunstâncias surgiu a psicanálise infantil?

Teremos de remontar aos primórdios dos descobrimentos de Freud, quando ele formulou a teoria do trauma e a concepção da sexualidade infantil.

A análise da fobia do pequeno Hans, de 5 anos, levou-o a referendar seus postulados sobre a sexualidade infantil, o complexo de Édipo, a linguagem pré-verbal e a importância do vínculo terapêutico. No entanto, como o tratamento esteve a cargo do pai, sob a supervisão de Freud, não serviu como ensinamento sobre a técnica no que se refere à interpretação ou ao manejo do que mais tarde denominou “transferência”. A criança não podia se expressar totalmente em palavras, mas era capaz de entender o que o adulto lhe dizia.

As primeiras tentativas de tratamento de crianças, a partir de 6 anos de idade, estiveram a cargo de Hermine von Hug-Hellmuth, membro da Associação Psicanalítica de Viena. Utilizava desenhos e brincadeiras, e evitava completamente as interpretações, aproximando-se mais das abordagens pedagógicas (Grosskurth, 1986/1992). Apesar de não ter deixado uma sistematização completa de seu método, foi reconhecida como a primeira psicanalista a escrever sobre a importância do desenvolvimento emocional do bebê nas primeiras semanas de vida, e sobre o valor do brincar na criança, como método de observação de seu desenvolvimento. Infelizmente, sua promissora carreira findou de forma trágica em 1924, quando foi assassinada pelo sobrinho.

No círculo psicanalítico da época, esse triste acontecimento produziu enorme desconforto e desconfiança em relação à terapia de crianças. No mesmo período, Anna Freud tornou-se membro do Instituto de Viena e começou a tratar crianças. Oferecia seminários e treinamento psicanalítico na técnica de análise de crianças. Exercia a psicanálise e centrava-se na adaptação do eu à realidade, estabelecendo uma aliança com a criança. Somente trabalhava a transferência positiva. Caso surgisse a transferência negativa, imediatamente tentava neutralizá-la e nunca a interpretava. Estimulava a criança

Dialogando com Klein: a vida, a fecundidade da obra e seu legado

a falar de suas fantasias. A finalidade da análise era ampliar o consciente para aumentar o controle do eu. A transferência era um meio, e não um fim; não era uma medida terapêutica. Anna Freud nos deixou como herança inúmeros trabalhos científicos, além de livros que versam sobre a análise de crianças.

E Melanie Klein?

Quem era essa bela princesa judia, esse misterioso gênio feminino – como a nomeia Julia Kristeva (2002) –, que “possuía a essência de que são feitos os mitos” (Grosskurth, 1986/1992, p. 15).

É relevante destacar, ainda que sucintamente, a extraordinária trajetória de sua vida, da qual parecem brotar as inovadoras descobertas que se propagaram pelos continentes.

Austriaca, nasceu em 1882, na Viena fim de século, no seio de uma família judaica ortodoxa. O pai, Moriz Reizes, abandonou o estudo do Talmude – código da tradição judaica – para estudar medicina. Casou-se aos 49 anos com Libussa Deutsch, de 25. O casal teve os três primeiros filhos, Emilie, Emmanuel e Sidonie, com um ano de diferença entre cada um. Quatro anos depois, nasceu Melanie. Nas notas autobiográficas, ela diz não ter sido desejada. À diferença dos outros irmãos, foi alimentada por uma ama de leite, mas não lhe faltou amor. Sidonie, que era o centro das atenções, definhou na cama ao longo de dois anos por causa da tuberculose. Melanie brincava com ela no leito, enquanto Emilie ensinava-lhe noções básicas de aritmética e leitura, despertando sua curiosidade intelectual. Sidonie morreu aos 8 anos e inaugurou-se uma extensa lista de mortes que marcaram a vida de Melanie. “Minha mãe precisava ainda mais de mim, agora que Sidonie tinha ido embora, e é provável que alguns dos mimos que recebi se devessem a eu ter que substituir aquela criança” (Klein, 2019, p. 45). A melancolia, a tristeza da perda, a rivalidade entre os irmãos, a agressão, a inveja dentro da própria família consolidaram o alicerce emocional a partir do qual se ergueu seu pensamento teórico e se estruturou sua vida de fantasias (Grosskurth, 1986/1992).

Emmanuel, o gênio da família, ingressou na carreira de medicina e a abandonou. Idolatrado por Melanie, era “seu pai substituto, um companheiro íntimo, um amante imaginário” (Grosskurth, 1986/1992, p. 50). Morreu um ano antes do pai, em dezembro de 1902, aos 25 anos, e ninguém na vida de Melanie jamais conseguiu substituí-lo.

O desejo da jovem de estudar medicina para ser psiquiatra, estimulado por Emmanuel, arrefeceu após a morte do irmão. Precipitadamente, em março de 1903, ainda

enlutada, casou-se com o melhor amigo de Emmanuel, e primo da família, Arthur Stevan Klein.

Em janeiro de 1904, nasceu sua primeira filha, Melitta e, em 1907, Hans. A família passou a morar numa cidadezinha da Eslováquia, longe dos estímulos culturais de Viena.

A vida de Melanie só mudou quando se instalou em Budapeste, em 1914, onde nasceu seu último filho, Erich.

A morte de seus entes queridos, levaram-na a uma depressão profunda. Durante dois meses isolou-se numa estação termal na Suíça.

Ainda em 1914, teve início a Primeira Guerra Mundial, e Arthur foi convocado pelo exército, deixando o lar. A mãe de Melanie, Libussa, tão intrusiva quanto idealizada e invejada pela força interior, faleceu três meses após o nascimento de Erich, na sua própria casa, recrudescendo-se o estado depressivo da filha. Atormentada “por um sentimento de culpa”, de que poderia ter feito mais por ela, ajoelhou-se diante da mãe agonizante e lhe pediu perdão. Sabiamente, Libussa retrucou: “Não se entristeça, não chore. Em vez disso, lembre-se de mim com amor” (Grosskurth, 1986/1992, p. 75).

Em Budapeste, solicitou ajuda profissional para o “mais eminente analista húngaro, Sándor Ferenczi” (Grosskurth, 1986/1992, p. 80). Ao travar contato com o texto de Freud *Sobre os sonhos* (1901), percebeu que era aquilo que queria para sua vida.

Ninguém há de discordar que Melanie Klein, no seu círculo íntimo, passou por experiências que marcaram sua alma. Ela própria lamentou os tantos lutos que nela permaneceram vivos. A teoria kleiniana desabrochou nesse caldo de cultura, regada pelas águas desse manancial, acumuladas desde a infância precoce. “Melanie Klein era uma personificação das teorias que construíra (construiria?) mais tarde: o mundo não é uma realidade objetiva, mas uma fantasmagoria povoada por nossos medos e desejos” (Grosskurth, 1986/1992, p. 73).

Na época da análise com Ferenczi a transferência negativa não era analisada. Freud estava apreensivo em relação ao uso exagerado da técnica “ativa” implementada por Ferenczi. A discordância quanto ao método foi uma das causas da separação entre ambos. Klein se identificava analiticamente com Ferenczi e tinha muito a agradecer a ele, especialmente pela importância que atribuíra à vida emocional primitiva. “Ele chamou minha atenção para o grande dom que eu tinha para entender as crianças e me incentivou na ideia de dedicar-me à análise infantil” (Grosskurth, 1986/1992, p. 84). Depois que Melanie descobriu a psicanálise, começou a observar Erich em casa— então com 3 anos.

Dialogando com Klein: a vida, a fecundidade da obra e seu legado

Talvez Ferenczi tenha sugerido a observação rigorosa da criança como meio de aproximar-se do âmago de seus problemas, do infantil nela, do arcaico sem palavras.

*Frau Klein*, essa beleza morena, como Balint a apelidava, simplesmente uma mulher, que nem médica era, em 1919, em Budapeste, apresentou um relato da análise de uma criança, com estilo de escrita informal. Depois dessa exposição, imediatamente foi admitida como membro na Sociedade Húngara de Psicanálise. Tratava-se do texto *O romance familiar in statu nascendi*, um dos relatos sobre a observação do caso Fritz, de 5 anos (o caçula do casal Klein, Erich). Nesse relato, surpreende a grande importância que a autora dá à aproximação afetiva e ao *insight*, o que favorece a compreensão do sofrimento mental. O objetivo fundamental era ajudar o menino a se desenvolver intelectualmente. Para isso, incentivava-o a discutir livremente com ela suas dúvidas, sobretudo as relacionadas a questões sexuais ou à origem das crianças, na tentativa de libertá-lo dos recalcamientos e levá-lo a aceitar a realidade, iniciativa guiada pela convicção de que seriam essas dúvidas que estariam impedindo seu desenvolvimento intelectual. Por já ter começado a cogitar sobre a importância do enquadre, Klein estabelece horários fixos para as sessões, fomentando assim o desenvolvimento da transferência. Como podemos notar, essas observações clínicas tenderiam a alcançar efeitos mais preventivos do que curativos. Seriam uma espécie de panaceia educacional.

Fritz apresentou recrudescimento em sua inibição intelectual. O prazer das perguntas desapareceu. Notou-se marcada inibição do brincar, e isolamento.

Klein dá um passo à frente e estimula o pequeno Fritz a relatar suas fantasias e sonhos, interpretando-os e tornando consciente o que permanecera reprimido. Mas o nível de ansiedade se exacerbava. Klein pede orientação – hoje diríamos “supervisão” – para Karl Abraham, membro da Sociedade de Berlim. A resposta dele é clara e direta: ela deve continuar com esse método de interpretar as ansiedades emergentes e as defesas subsequentes porque a análise está progredindo.

Esse é um momento decisivo, que a encoraja a se sustentar em sua função psicanalítica.

As propostas clínicas ainda careciam de estruturação; entretanto, Klein enfatizava as observações analíticas sobre o brincar e a importância do impulso epistemofílico, por expressarem fantasias relacionadas a penetrar com toda a violência pulsional o interior do corpo da mãe, e sua conexão com fantasias de incorporação oral e anal-sádica.

A observação analítica de Fritz/Erich foi levada adiante no próprio quarto dele, com seus brinquedos, já que de início ele expressara suas fantasias e ansiedades nesse

Lídia Queiroz Silva Magnino, Marta Úrsula Lambrecht

espaço. Vislumbrava-se o método de interpretação por meio da livre associação no brincar, visto que, ao lhe esclarecer o significado da brincadeira, surgiam associações adicionais.

Ainda durante a análise de Fritz, Klein muda-se para Berlim e inicia a análise com Abraham, oportunidade em que expande enormemente suas experiências clínicas. Na Sociedade de Berlim analisa outras crianças, sendo esta uma etapa decisiva no desenvolvimento da técnica.

Constrói as noções básicas da originalidade de seu sistema conceitual (que se mantém ativo e vigente na clínica atual com crianças): ansiedades primitivas, defesas, transferência, identificação projetiva, fantasias inconscientes, culpa, supereu arcaico, Édipo precoce, sadismo oral, inveja – sendo todas essas noções passíveis de serem expressas por meio do brincar. A clivagem adquire grande importância como organizador psíquico.

Em 1926, apresenta o caso de Rita, de apenas 2 anos e 9 meses, a criança mais nova de que tratou.

Interpretar não somente a fala da criança, mas também sua atividade lúdica equivaleria a interpretar o que o adulto manifesta pela via da palavra. Hans, sob o nome de Felix, também foi analisado pela mãe-analista, como vemos no histórico clínico *Contribuições à psicogênese dos tiques*. Quanto a Melitta, foi analisada quando tinha 15 anos, em plena adolescência, sob o pseudônimo Lisa (e aparentemente também seria a protagonista do caso Grete).

Analisar os próprios filhos era uma prática comum na época. Há registros de que Freud analisou sua filha Anna em mais de uma ocasião e, por sua recomendação, Abraham analisou algumas vezes a própria filha, o caso Little Hilda (Grosskurth, 1986/1992).

No material clínico do caso Erna, Melanie Klein alcança a compreensão do conflito psíquico primitivo. No brincar se veiculava o ódio, a voracidade, a inveja e o sadismo oral endereçado predominantemente à mãe. A fúria vingativa das fantasias da menina a mergulhava num estado gravemente depressivo. O caso Erna foi publicado somente em 1932, em *Psicanálise da criança*, apesar de ter sido apresentado em outubro de 1924 no Primeiro Congresso de Psicanalistas Alemães. A exposição do caso Erna levou Abraham – seu grande incentivador –, depois de ouvir uma das conferências de Klein sobre esse historial clínico, a afirmar com veemência e convicção que “o futuro da psicanálise residia na análise de crianças” (Grosskurth, 1986/1992, p. 127).

Essa apresentação também causou impacto em Ernest Jones, então presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise. Em 1925, ele convidou Klein a ir a Londres para

Dialogando com Klein: a vida, a fecundidade da obra e seu legado

preferir conferências. Esse foi um momento crucial em sua evolução como psicanalista de crianças. Radicou-se definitivamente em Londres, fazendo dessa cidade seu novo lar, com a incumbência de analisar a esposa de Jones, seus filhos e os de outros colegas britânicos (Grosskurth, 1986/1992).

Em 1930, Melanie Klein dedicou o texto “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do eu” ao caso Dick, que se tornou paradigmático de suas descobertas. Dick apresentava sintomas que ela não tinha encontrado até então: não brincava, não manifestava emoções e era incapaz de suportar angústia e de formar símbolos. A fim de estabelecer contato com o inconsciente dele e ativar a angústia reprimida, Klein modifica sua técnica. Tendo em conta o interesse do garoto por trens, coloca dois deles juntos: ao maior, nomeia Trem-Papai; ao menor, Trem-Dick. O menino pega o Trem-Dick, o faz rodar até a janela e diz: “Estação”. A analista interpreta: “A estação é a mamãezinha”. Dick responde: “Escuro”. A analista acrescenta: “Dentro da mamãe tudo está escuro”. Dick se angustia, mas gradativamente restabelece os vínculos afetivos e se interessa pela palavra como meio de comunicação. O problema de Dick era uma inibição do desenvolvimento, e não uma regressão, como nos casos de psicose infantil. Foi postulada a ideia de que o sadismo primitivo exacerbado da criança para com a mãe bloqueou o desenvolvimento emocional de Dick, com uso excessivo de defesas tendentes a dominar o sadismo. A abrupta expulsão desse sadismo seria um precursor da identificação projetiva.

Um ano difícil para Melanie Klein: 1933. Morre Sándor Ferenczi (1933) o analista que a incentivou a enveredar pela psicanálise. Em 1934, morre seu filho Hans, e se deteriora a já tumultuada relação com Melitta, que estava em Londres, na Sociedade Britânica. Mais tarde, Melitta emigra com o marido para os Estados Unidos, e elas nunca mais se encontraram.

Recordemos que para Klein há, desde o nascimento, um “eu” incipiente. Gradativamente adquire corpo o dualismo entre libido e destrutividade, abrindo caminho para a aproximação à teoria do Édipo primitivo, próximo ao período do desmame. Essa é a ideia essencial da teoria kleiniana até a formulação do conceito de posição depressiva, baseada na especificidade de uma qualidade de relação de objeto, com fantasias inconscientes, defesas e ansiedade, sustentando uma nova estrutura teórica.

Num clima sombrio de grande depressão, escreve os artigos *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935/1991) e, o antes citado, *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* (1940/1996). “Ambos os textos são uma investigação da mente: pelo resto de sua vida, Melanie voltaria sua atenção para as

questões da perda, do pesar e da solidão” (Grosskurth, 1986/1992, p. 233). Introduz o conceito de posição depressiva, em substituição à centralidade do complexo de Édipo, a ser superado no desenvolvimento por meio da elaboração da posição depressiva. Afirma que a primeira perda dolorosa que o ser humano sofre acontece no desmame. Esses artigos produzem enorme impacto na Sociedade Britânica (Grosskurth, 1986/1992). Se olharmos sob uma perspectiva mais regressiva, poderíamos dizer que a perda real do interior do corpo da mãe e, em consequência, a perda da placenta que nos envelopa deixam, supostamente, marcas celulares de perdas ainda mais primitivas e dolorosas.

Quando da perseguição dos judeus pelo nazismo, começa o grande êxodo de analistas europeus. Em 1938, os alemães invadem a Áustria, e os Freud (Anna e o pai) chegam a Londres. Em 1939, inicia-se a Segunda Guerra Mundial.

Klein, atemorizada pelo impacto da guerra, refugia-se em Cambridge, com Susan Isaacs, sua amiga e seguidora. Mais tarde, radica-se na Escócia, onde durante um ano leva adiante o tratamento de Richard, de 10 anos, detalhando cada sessão com desenhos e interpretações, que compilou num livro com narrativas da análise de uma criança, publicado postumamente.

Richard sofria de um medo paranoide de ser envenenado e desconfiava de estar sendo espionado. A instigante narrativa desse caso configurou uma marca histórica da psicanálise, porque Klein extraiu dela importante conclusão teórica: o complexo de Édipo coincide com o começo da posição depressiva.

Não podemos deixar de mencionar, ainda que sucintamente, que as teorias introduzidas por Klein em Londres ocasionaram perturbadoras problemáticas científicas, em plena Segunda Guerra Mundial, entre 1940 e 1946. Os membros da Sociedade Britânica de Psicanálise se questionaram sobre se os achados de Klein e as teorias desenvolvidas por ela, fundamentadas em suas pesquisas estariam ou “não” apoiadas nas premissas freudianas (King & Steiner, 1998). Aconteceram significativas discussões, formando-se três grupos: os annafreudianos, os kleinianos e os independentes (entre eles Winnicott e Fairbairn). Os seguidores de Klein eram, por exemplo, Susan Isaacs, Donald Meltzer, Herbert Rosenfeld, Paula Heimann e Esther Bick. Nessas discussões intestinas, Klein e seu grupo se mantiveram na Sociedade Britânica e na Associação Psicanalítica Internacional, expandindo a teoria freudiana.

O artigo *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (1946/1991) completa a teoria dos estágios mais primitivos do desenvolvimento, com as concepções de primazia oral, mecanismo de cisão, e relação de introjeção e projeção com o primeiro objeto.



Dialogando com Klein: a vida, a fecundidade da obra e seu legado

Conceitua o mecanismo de identificação projetiva como uma forma especial de identificação, cujo protótipo é uma relação violenta de objeto.

Essas postulações contribuíram para que Bion formulasse suas ideias sobre partes psicóticas da personalidade, ódio ao conhecimento e ao vínculo com a realidade, ataque à realidade, *Reverie*. Destaquemos a valiosa contribuição de Bion ao considerar a identificação projetiva como uma via de comunicação. Paula Heimann, discípula e analisanda de Klein (como Bion), cunha o termo “contratransferência” alicerçada na identificação projetiva, como importante instrumento da técnica psicanalítica.

Em 1952, Klein publica um livro relacionado com a teoria do desenvolvimento inicial da mente nos primeiros anos de vida. Afirmou ali que as pulsões orientavam a dinâmica-da ansiedade, das relações de objeto e dos mecanismos de defesa, e baseou-se no conceito de fantasia inconsciente.

Para concluir, menciono o último dos textos de maior envergadura da década do 1950: *Inveja e gratidão* (1957/1991). Texto fundamental com que terminam suas contribuições teóricas.

Melanie Klein morreu em Londres, no dia 22 de setembro de 1960, e para todos nós deixou um legado de ideias valiosas, estimulantes e perenes. E, o que é mais importante, um belo sorriso de esperança.

Seria utópico dizer que, neste breve intervalo de tempo, é possível acompanhar a trajetória de uma autora de tamanha envergadura, sem descuidar de detalhes de enorme relevância. Conto, por isso, com a benevolência do leitor.

### **Como o ser humano se constitui para Klein?**

A psicanálise, desde Freud, nos mostra que há algo dentro de nós que não tem nome e que necessita ser nomeado. Ela busca dar nome àquilo que nós somos, as muitas formas de ser, a compreender a complexidade das nossas relações de intimidade com o mundo externo e interno.

Klein se apresenta como uma autora criativa, fértil e atual, introduzindo conceitos em uma obra aberta que não cessa em produzir novos pensamentos na psicanálise contemporânea.

Numa perspectiva dialética, traz um rico modelo sobre o funcionamento do aparelho psíquico e promove avanço conceitual. Ela movimenta e amplia o pensamento psicanalítico, mostrando-nos como o indivíduo está sendo, como ele é. Para Klein, a mente

desde o início é dotada de movimento em direção à integração, embora o tempo todo esteja ameaçada de desintegração.

Um elemento importante na saúde mental é a integração, que encontra sua expressão na fusão das diferentes partes do *self*. A necessidade de integração se origina do sentimento inconsciente que partes do *self* são desconhecidas e do conhecimento inconsciente de que o ódio só pode ser mitigado pelo amor. A integração sempre implica dor (Klein, 1960/1991, p. 312).

Associado a esse movimento complexo de integração, descreve que a vida psíquica se orienta por afetos, que a ausência é presença de objeto hostil.

Em 1960, Klein, no artigo *Sobre saúde mental*, destaca pontos importantes no desenvolvimento psíquico: a profundidade dos afetos, a responsabilidade pelo que somos, e o compromisso de lealdade com os nossos sentimentos e emoções. Tudo na vida envolve um componente afetivo. A emoção é o centro da vida psíquica, tem o status da percepção, faz parte da estrutura psíquica, forma elos como um tecido conectivo. As pessoas não sofrem só por carências, traumas, sofrem por falta de experiência emocional que propicia crescimento. “Equilíbrio, não significa evitar conflitos, supõe força para atravessar emoções penosas e poder lidar com elas” (Klein, 1960/1991, p. 308). Os afetos estão sempre em movimento, procurando. E é o ego que nos dá acesso a essa verdade psíquica e concreta. Conhecer e saber são processos psíquicos ativos, imanentes, que não basta desejar integrar, há forças dinâmicas inconscientes (as defesas) que nos impedem. São modos de pensar para manter um nível tolerável de ansiedade. É fundamental dissolver as forças que limitam as redes afetivas, criar um ambiente interno que possibilita desenvolvimento emocional.

Klein destaca que mais importante que o significado do conteúdo é observar qual é o movimento que está presente, como a pessoa pensa mais do que aquilo que pensa. Para Klein a mente está em permanente processo de construção, enfrentando pressões, estabelecendo novas conexões, pensando através dos olhos das emoções. Ela propõe um projeto de desenvolvimento não linear, e sim como um processo em espiral. A saúde mental está sempre ameaçada em sua estabilidade, precisa permanentemente ser reconquistada.

Saúde mental não é compatível com superficialidade. Lançar mão em excesso de negação se deve a não ser um ego forte suficiente para lidar com dor...impedirá o insight sobre a vida interior e uma real compreensão dos outros. Se perde a satisfação da capacidade de dar e receber, de vivenciar a gratidão e generosidade (Klein, 1960/1991, p. 308).

Ela vem acompanhada de um sentimento de solidão. Não existe estado idealizado de plena integração, nem objeto bom internalizado perfeito.

Nesse aspecto, Klein (1963/1991, p.341) destaca que “o sentimento de solidão não se refere a estar privado de companhia externa, e sim ao sentimento de solidão interna, de estar sozinho”; “A integração acontece passo a passo, ela nunca é alcançada de forma completa, plena e permanente” (Klein, 1963/1991, p. 343).

Klein descreve como as identificações vão se estruturando, qual a qualidade dos vínculos. Aprofunda sobre a psique humana na infância. A partir de suas observações clínicas vai fazendo especulações teóricas. Propõe a existência de um mundo interno, habitado por objetos internos, constituindo a realidade psíquica. Nele, as funções mentais são operadas, há um fluxo contínuo de fantasias inconscientes, de mecanismos projetivos e introjetivos, num intercâmbio permanente entre espaços internos e externos do *self*, bem como dos objetos. Como se fosse um “teatro” interno, são geradas as experiências emocionais que fornecem o cenário para as relações emocionais. Esse mundo interno não é apenas o reflexo subjetivo do mundo externo e sim uma representação em duplo, de experiências modificadas pelo processo de introjeção. Surge um “jogo”, equivalente a um discurso simbólico, que se presta a movimentos de interpretação ao analista. Klein enfatiza que a especificidade do diálogo na sessão é ser permeado só pela interpretação. A análise é um espaço gerador de significados.

Qual a linguagem que ela transpõe?

Em 1926, Klein responde: é a da observação do brincar da criança. Preocupada com seu filho, busca as fontes da inibição simbólica, deseja compreender os mecanismos de inibição que impedem a criança de desenvolver suas capacidades emocionais e cognitivas. “Essas observações me deram insight sobre a relação entre ansiedade e inibição. A análise do pequeno Friszt esclareceu a conexão interna entre ansiedade e inibição” (Klein, 1923/1996, p. 102).

Klein descobre que as fantasias inconscientes destrutivas impedem a curiosidade de saber sobre si mesmo e sobre o mundo. Que o medo gera realidade psíquica, baseada na Lei de Talião e na violência da pulsão de morte. E que a capacidade de amar que subjaz as fantasias inconscientes, pode libertar e florescer as capacidades afetivas e intelectuais.

Klein observa que o parar de brincar é tão importante quanto o brincar. Que o brincar é trabalho, é como um fio que possibilita compreender o que se passa na mente da criança e com uma narrativa icônica expressa a estrutura do ego e as identificações com os

objetos. Observando, ela vê tipos de sentimentos que dirigem o brincar, que há algo que faz sentido. “Ao brincar as crianças representam suas fantasias inconscientes, desejos e experiências. Elas empregam a mesma linguagem, o mesmo modo de expressão do arcaico, filogeneticamente adquirido, que já conhecemos nos sonhos” (Klein, 1926/1996, p. 159). Klein vai inferindo as fantasias inconscientes que a criança expressa ao brincar, seus sentimentos, suas emoções, como vão se desenvolvendo nas relações. As fantasias inconscientes são derivadas e organizadoras da experiência emocional, são modos ativos do pensar inconsciente, geram significados que formam núcleos que organizam a vida psíquica. Todas as atividades psíquicas (sonhar, pensar, brincar) são fundadas nas fantasias inconscientes (Isaacs, 1952/1982). Estas são expressão psíquica das pulsões, têm caráter de realidade, são onipotentes e influenciam as percepções e relações da criança. O desejo de comer se torna a fantasia de ter incorporado o seio ideal que nutre, e o desejo de destruir se transforma na fantasia de ter destruído o seio e ser perseguido por ele. Klein nos ensina a compreender o caráter autônomo, infantil, insaciável e demoníaco das fantasias inconscientes, fonte arcaica das angústias primitivas. Como diz Chico Buarque, em sua música *À flor da pele*: “O que será que não tem medida e nunca terá?": O que não tem governo nem nunca terá”, “O que será que me dá”.

Klein (1923/1996, 1955/1991) começa a atender crianças pequenas e constata que elas são capazes de fazer transferência e que ela pode aplicar o método psicanalítico. Cria a técnica de análise de criança, isenta de atitude pedagógica, intui a mobilidade das angústias e a contínua atividade de personificação da criança, semelhante às associações livres. Intui que o corpo da mãe é a primeira “geografia” para a criança, de onde, em fantasia, brotam os bebês, leite, palavras, todos os tesouros que são luminosos ou escuros e ameaçadores. Ouvindo o arcaico nas crianças, viu como elas brincam, como cuidam de seus objetos de amor e de ódio, e como querem tomar posse deles, como há desejos de devorar, controlar, ferir, expulsar, dominar, submeter. Compreende a pulsão de domínio e violência que caracteriza a mente primitiva.

Klein vê a concretude e a importância dos espaços no interior do corpo da mãe e do seu; faz uma “geografia da mente”, como um “teatro da mente”, um lugar onde existem presenças e acontecem fatos, um mundo interno com objetos bons (gratificadores) e maus (frustradores). Ela dá voz à criança em sua onipotência, mostra que é preciso escutá-la, oferece aos analistas uma técnica de como conversar com a criança. Sem qualquer erudição acadêmica, com uma intuição e coragem clínica única, tem a convicção de que a Psicanálise é vida. Ela sofreu e encontrou uma compreensão de seu sofrimento na sua

análise com Ferenczi e depois com Abraham. Observando a expressividade do brincar da criança, percebe como a ansiedade entra no brincar, como ela se manifesta. Constata que a ansiedade é um indicador de sofrimento, e este é uma oportunidade para entender e aprofundar o que a pessoa é e como pode mudar sua forma de sofrer. Em sua escuta clínica, aproxima-se de Ferenczi, quando dirige a atenção para as forças produtoras da dor, assumindo uma ressonância empática com o sofrimento do paciente.

O brincar expressa a ansiedade, que está junto com as defesas para que o ego suporte o nível de tensão. Sua atenção clínica se volta para quais são as expressões da ansiedade arcaica, da experiência emocional avassaladora de ser aniquilado. Ela descreve como a ansiedade é o afeto primordial da Pulsão de Morte sobre a Pulsão de Vida.

Rita, 2 anos e 9 meses, com um quadro de neurose obsessiva é atendida por Klein e, ao ficar a sós com a analista, Rita demonstrou sinais de transferência negativa, ficou ansiosa e silenciosa, pede para ir para o jardim. Klein interpreta que Rita tinha o receio de que ela fosse uma mulher má que poderia fazer algo hostil a ela. A criança volta para a sala de atendimento aliviada (Klein, 1955/1991). Qual o perigo de que preciso me defender? Qual é a ansiedade? Qual é o grau de sofrimento?

O perigo maior que o bebê sente é o medo de aniquilamento, de não ser cuidado pelo objeto de que ele precisa. Todo o trabalho da psique é criar formas de sobreviver.

Klein (1923/1996) descobre um ego primitivo no bebê; com seu instinto epistemofílico, ele já é um pesquisador nato, que testa suas fantasias inconscientes, que possui um Édipo e superego precoce – e mesmo que muito desamparado e dependente do objeto externo, é capaz de expressar sofrimento, de perceber algo dentro dele que faz doer. Com seu ego lábil é capaz de sentir ansiedade, elaborar mecanismos de defesa e estabelecer relações de objeto. Desde que nasce, é capaz de lidar com PV e PM, sente que precisa ser amado, e que o amor sobrepuja a capacidade de odiar. Seu ego é como uma agência para dar conta da fonte de angústia. Apega-se à mãe para proteger-se. Ao amar a mãe (PV), é com muita intensidade, ele a quer muito para si; quer devorá-la, tomar posse, controlar; quer ser o único objeto de amor. Se a mãe o deixa esperar, é como se ela não estivesse com ele, é má. O medo de não ser amado pelo objeto de que precisa é o medo de aniquilamento, de morrer. Assim, o bebê cria sua psique, vai sentindo e dando formas às suas vivências. Desde o início da vida, ele está confrontado com a alimentação, com as pulsões orais. Se a experiência com o objeto é boa, é como se criasse o seio bom, ele idealiza o objeto, apega-se acreditando que será sempre gratificado ilimitadamente. Quando o objeto está ausente, ele é sentido como mau. A fome é como algo que “morde” dentro dele. Essa é a

vivência, é a fantasia que vai dar forma às necessidades corporais. A fantasia está sempre se referindo aos afetos que se dirigem a um objeto e vão modelando os vínculos, formando o mundo interno, povoado de objetos, bons e maus, que se relacionam. No começo da vida o seio é só bom, gratificador, ou é só mau, frustrador.

Klein fez da psicanálise uma arte de cuidar da capacidade de pensar, destacou o papel central dos afetos e da dor psíquica. Ela não dissocia o afeto do pensamento. O afeto é o centro da vida psíquica, é organizador e estruturante, ele é que dá significado ao movimento mental, é o que oferece uma consciência do mundo, que organiza como a pessoa se relaciona. Para Klein, existe um pensar com as emoções. descreve como os sentimentos são processados como pensamento, como há uma conexão entre sentimento e pensamento. Nós pensamos com símbolos, que são instrumentos para construir pensamentos, para conectar mundo interno e externo. O símbolo deixa de ser só representativo: ele é o próprio órgão do pensamento. Nos dizeres da autora: “A análise através do brincar me mostrou que o simbolismo possibilita a criança transferir suas fantasias, ansiedades e culpa a outros objetos além de pessoas. Assim ela pode experimentar alívio ao brincar” (Klein, 1955/1991, p. 166).

O que nos leva a criar símbolos, a pensar?

Em 1930, Klein, no artigo *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*, destaca que nossa mente tem um imperativo representacional: ela é movida a pensar os problemas, a criar instrumentos para dar significados, a restaurar o significado da experiência de uma forma diferente e poder lidar com a complexidade da vida. Na medida em que uma experiência é ressignificada, nossa organização mental se reestrutura e produz experiências emocionais de qualidades diferentes. É assim que o ser humano se desenvolve.

Em 1928, no artigo *Estágios iniciais do conflito edipiano* apresenta um modelo de aparelho psíquico permeado pelas fantasias inconscientes, sustentado em duas formas de gerar e organizar nossas experiências emocionais no nosso psiquismo e relacionar com as pessoas e com o mundo (Klein, 1928/1996). Cunha o termo “posição”. Semelhante a um jogo de blocos, agrupa ansiedades, mecanismos de defesa, relação de objeto e simbolismo, traçando um caminho para compreender infinitas combinações. Essas configurações operam por oscilação contínua, de forma dialética uma veicula a outra, como um balé, e com um movimento em espiral. Não são fases, estágios, não são patológicas. Uma delas é a PSP, posição esquizoparanoide (Klein, 1946/1991). Para livrar-se do excesso de ansiedade, há um corte violento, cindindo, projetando e negando as emoções.

Dialogando com Klein: a vida, a fecundidade da obra e seu legado

Na PSP a experiência é dividida, o bebê precisa garantir que o bom permanece, que o objeto tem todas as qualidades boas. A experiência é vivenciada como coisa em si, como se estivesse descontextualizada. É a histórica, gera descontinuidade na vida psíquica, estabelece relações de superficialidade do indivíduo consigo mesmo e com os outros; gera dispersão e fragmentação. Ele não é sujeito de seus sentimentos: ele vive pelo imediato, por seus sentimentos, é tomado por ódio, tristeza suas emoções são vividas de forma concreta.

Klein (1928/1996) intui que existe um triângulo edípico, incipiente desde os primeiros meses de vida, um Édipo e superego arcaico. Mesmo que bebê e mãe estejam indiferenciados, em uma fusão, um primeiro registro da diferença, da alteridade começa a insinuar precocemente.

As sensações desagradáveis são atribuídas à mãe, são registros de um seio mau.

No prazer ao ser amamentado, qualquer estímulo desagradável se interpõe no idílio mãe-bebê e através do desconforto introduz um terceiro dissonante que quebra a vivência de satisfação. Forma-se, assim, um triângulo entre o bebê, seu objeto de amor e satisfação e o objeto mau. Por volta do quarto, sexto mês, no desmame, a ausência materna é percebida, cria uma compreensão de sua presença, a falta do seio prenuncia a entrada do estranho, da triangulação. O bebê vai precisar lidar com a ausência do seio, com a entrada do diferente, do pai, que é ainda “não mãe”. No desencontro entre sujeito e objeto surge a fantasia inconsciente da cena primária. Nessa quebra de plenitude mãe-bebê, em fantasia, a experiência de plenitude é projetada num lugar imaginário onde está acontecendo uma “festa de prazer”, a plenitude de satisfação contínua a ser desejada. Nesse lugar fictício a pessoa passa a ocupar o lugar de terceiro excluído, para que em outro momento possa ocupar o lugar do primeiro e do segundo incluídos, e que desenvolva a capacidade de pensar. Klein, em 1928, denomina essa vivência de situação edípica (multidão de experiências que interrompem a experiência de satisfação). Uma boa evolução da situação edípica é precursora da função paterna (depende da boa ocupação do lugar do terceiro). A criança, na ausência da mãe, se vê invadida por questões: Para onde foi? Com quem está? Essa situação imaginária e pouco nítida antecipa o Complexo de Édipo dos 3 aos 5 anos (Klein, 1928/1996).

Em 1945, Klein enriquece a dissolução do complexo de Édipo. O bebê aprende a conhecer a mãe como outra pessoa, a mãe nutridora é também parceira do pai. Ele percebe a alternância, seio bom, seio mau. O objeto que gratifica é também o que frustra. Ele integra os afetos contraditórios, por meio de um trabalho de elaboração simbólica contém

as experiências pelo pensamento. Essa nova configuração, Klein, em 1935, chama de PD (posição depressiva). Nela o bebê tem que se haver com sua capacidade agressiva (O que eu fiz para o outro não querer estar comigo?). O medo de perder o objeto amado é vivido como ansiedade depressiva \_ perder aquilo que é bom. Percebe que odiou o objeto que amou e ativa a reparação (consertar o que estragou). Assume sua agressão, cuida do objeto. Esse movimento implica aceitar perder o objeto e renunciar à posse exclusiva da mãe, elaborar luto. Descobre o pai como fonte de satisfação, aprende a lidar com a separação e encontrar o diferente. Aprende a ficar só sem se sentir abandonado. Na PD, as experiências são vividas numa perspectiva histórica, contextualizada, amplia significados e conexões de redes afetivas: a pessoa é capaz de contextualizar seu ódio, sua tristeza. A PD é um conjunto de sentimentos ligados às redes afetivas (medo, ansiedade...), o símbolo representa, expressa alguma coisa, ajuda a ampliar o universo conotativo, pode ser metaforizado (Klein, 1935/1996).

Na PD a ansiedade é depressiva. Além das defesas da PSP, a reparação e a relação de objeto é total. A pessoa é capaz de pensar, contextualizar a experiência, ter memória, elaborar luto, estabelecer bons objetos internos. Uma boa identificação com a mãe é a base para as identificações benéficas posteriores e para a boa relação com os genitores. Prevalece o interesse, e o amor pelo objeto garante a saúde mental.

Klein cria o modelo de fantasia dos pais combinados, que é quando a criança se sente excluída, intensifica seu ódio, a voracidade com que são projetados no casal parental (no filme Cidade de Deus, a cena da criança metralhando os casais). Essas figuras combinadas, pai e mãe em uma relação que exclui todos, de forma sádica, violenta e intensa. A cena cria um objeto poderoso, protetor absoluto e terrorífico com atributos de autossuficiência, com fantasias de poder, violência, um superego arcaico. Vemos essa dinâmica nos genocídios, nos ditadores, no fundamentalismo.

A PSP é o primeiro passo para organizar tal intensidade, construindo figuras boas e más que vão se relacionando e diferenciando.

Klein nos convida a compreender como é o processo de construção do símbolo, como a mente pode limitar ou ampliar o alcance do símbolo, como fazemos a leitura de nós mesmos e do mundo, conforme nossa configuração mental. Mostra como o símbolo progride, como o pensamento vai desenvolvendo ou como é ele inibido.

Ela nos dá a noção de um projeto de desenvolvimento, como as identificações que vão se estruturando.



Dialogando com Klein: a vida, a fecundidade da obra e seu legado

Na PSP, a ansiedade é paranoide, os mecanismos de defesa são a cisão, identificação projetiva (mecanismo para livrar o ego de angústias, projetando o afeto para dentro do objeto e de si mesmo), idealização, negação e relação de objeto parcial com realidade cindida, uma persecutória e idealizada. O tipo de simbolismo é a equação simbólica (a fantasia projetada é equacionada ao objeto). Através da identificação projetiva Klein, em 1946, destaca que é possível observar a dinâmica intrapsíquica e como ela se manifesta na relação. Permite ao analista entrar em contato com os sentimentos e pensamentos do paciente, saber o que se passa com ele.

O conceito de identificação projetiva modifica o conceito de transferência e contratransferência. A projeção é dentro do objeto. Klein descreve os objetos dentro da mente, oferece um modelo corporal de funcionamento mental. O analisando evoca o analista na sua estrutura e seu funcionamento mental passou a ser mais considerado. A relação analista e analisando é esclarecida pela compreensão das identificações projetivas que enriquecem a contratransferência a qual se apresenta como um radar. Assim, Klein modifica o modelo reconstutivo histórico Freudiano, destacando as comunicações transferenciais no aqui e agora. Atenta às angústias primitivas ligadas à PM, ao sadismo, inveja e voracidade; as alterações nos objetos internos propõem mediação pela interpretação na transferência, abrandando as angústias e reduzindo a distância entre fantasia inconsciente e realidade externa. O analisando se sente compreendido e aliviado. Enfatiza a importância da firmeza do *setting* para permitir que as fantasias mais primitivas se manifestem por meio das identificações projetivas, influenciando a mente do analista.

Klein constrói sua obra trazendo aberturas para desdobramentos fecundos à teoria e técnica psicanalítica, abrindo novos horizontes para a analisabilidade de outras estruturas mentais. Alarga o campo da psicanálise no diálogo com a estética, sociologia, filosofia, política. Uma obra aberta e polissêmica.

Lidia Queiroz Silva Magnino, Marta Úrsula Lambrecht

## Referências

- Cintra, E. & Ribeiro, M. (2018) *Por que Klein?* Editora Zagodoni.
- Grosskurth, P. (1992). *O mundo e a obra de Melanie Klein* (P. M. Rosa, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1986).
- Isaacs, S. (1982). A natureza e a função da fantasia. In: J. Rivière (Org.), *Os progressos da psicanálise* (A. Cabral, Trad., pp. 79-135). Guanabara. (Trabalho original publicado em 1952).
- King, P. & Steiner, R. (Orgs.). (1998). *As controvérsias Freud-Klein (1941-45)* (A. M. Spira, Trad.). Imago.
- Klein, M. (1996). Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas. In: *M. Klein, Amor, Culpa e Reparação e Outros trabalhos* (A. Cardoso, Trad., p.152-163). Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Klein, M. (1996). Estágios iniciais do conflito edipiano. In: *M. Klein, Amor, Culpa e Reparação e Outros trabalhos (1921-1945)* (A. Cardoso, Trad., p. 214-227). Imago. (Trabalho original publicado em 1928).
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *M. Klein, Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (B. H. Mandelbaum et al., Trads., pp.17-43). Imago. (Trabalho original publicado em 1946).
- Klein, M. (1991). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. In: *M Klein, Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (B. H. Mandelbaum et al., Trads., p. 44-63). Imago. (Trabalho original publicado em 1948).
- Klein, M. (1991). A técnica psicanalítica através do brincar. In: *M. Klein, Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (B. H. Mandelbaum et al., Trads., p.149-168). Imago. (Trabalho original publicado em 1955).
- Klein, M. (1991). Inveja e gratidão. In: *M. Klein, Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946 - 1963)* (B. H. Mandelbaum et al., Trads., p. 205-267). Imago. (Trabalho original publicado em 1957).
- Klein, M. (1991). Sobre Saúde mental. In: *M. Klein, Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (B. H. Mandelbaum et al., Trads., pp. 305-312). Imago. (Trabalho original publicado em 1960).
- Klein, M. (1991). Sobre o sentimento de solidão. In: *M. Klein, Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (B. H. Mandelbaum et al., Trads., pp. 340-354). Imago. (Trabalho original publicado em 1963).
- Klein, M. (1991). *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (B. H. Mandelbaum et al., Trads.). Imago.
- Klein, M. (1996). A análise de crianças pequenas. In: *M. Klein, Amor, Culpa e Reparação e Outros trabalhos* (A. Cardoso, Trad., p. 100-128). Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Dialogando com Klein: a vida, a fecundidade da obra e seu legado

- Klein, M. (1996). Personificação no brincar das crianças. *In: M. Klein, Amor, Culpa e Reparação e Outros trabalhos (1921-1945)* (A. Cardoso, Trad., p. 228-239). Imago. (Trabalho original publicado em 1929).
- Klein, M. (1996). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. *In: M. Klein, Amor, Culpa e Reparação e Outros trabalhos (1921-1945)* (A. Cardoso, Trad., p. 249-264). Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Klein, M. (1996). Uma contribuição para a psicogênese dos estados maníacos depressivos. *In: M. Klein, Amor, Culpa e Reparação e Outros trabalhos (1921-1945)* (A. Cardoso, Trad., p. 301-329). Imago. (Trabalho original publicado em 1935).
- Klein, M. (1996). O luto e suas relações com os estados maníacos depressivos. *In: M. Klein, Amor, Culpa e Reparação e Outros trabalhos* (A. Cardoso, Trad., p. 385- 412). Imago. (Trabalho original publicado em 1940).
- Klein, M. (1982). *Psicanálise da criança* (P. Civelli, Trad.). Mestre Jou.
- Klein, M. (1996). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (A. Cardoso, Trad.). Imago.
- Klein, M. (2019). *Melanie Klein: autobiografia comentada* (E. V. K. P. Susemihl & P. S. Souza Junior, Trads.). Blucher.
- Kristeva, J. (2002). *O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras: Melanie Klein* (J. Melo, Trad.). Rocco.

Lídia Queiroz Silva Magnino  
lmagnino@terra.com.br

Marta Úrsula Lambrecht  
martaursula@gmail.com